

Editorial

Ações comprometidas com o *humano ser*



Iniciamos o Editorial da *Revista Longeviver*, nº3 apresentando o material que compõe esta edição e as reflexões surgidas da leitura primeira, e que podem nos inspirar na busca de uma vida longa com qualidade, em momento mundial tão conturbado. Não temos a ‘regra de ouro’ para a solução de tantos problemas, mas acreditamos na possibilidade de pensar coletivamente, visando ações integradas, solidárias e comprometidas com o *humano ser*¹, com integridade e dignidade.

Segundo Amartya Sen² em uma democracia o debate é fundamental, e devemos enriquecê-lo, fundamentando-o “através da melhoria da disponibilidade informacional e da factibilidade de discussões interativas”. Afirma ainda que:

¹ Expressão que pedimos emprestado ao nosso colega de Portugal, Vitor Hugo Fragoso, para falar sobre a coexistência humana contemporânea e a necessidade de irmos nos construindo seres a partir da condição humana que somos.

² SEN, A. *A ideia de justiça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

A democracia tem de ser julgada não apenas pelas instituições que existem formalmente, mas também por diferentes vozes, de diferentes partes da população, na medida em que de fato possam ser ouvidas. (2011, p. 15)

Esta tem sido a missão do Portal do Envelhecimento (2004), desde sua implantação e, posteriormente, por meio da *Revista Portal de Divulgação* (2010-2018), e a partir de 2019 da *Revista Longeviver*, favorecendo a veiculação de informação qualificada com conteúdos de credibilidade, em mídia democrática de acesso livre aberta às muitas vozes que narram os muitos modos de viver e envelhecer, com o objetivo de colaborar na compreensão, participação e construção da 'cultura do longeviver' como responsabilidade social.

Para tanto é preciso dialogar e articular as palavras proferidas por especialistas e velhos cidadãos na construção de conhecimentos renovados, uma interlocução fundamental, no espaço e tempo social, para pensar o longeviver na sociedade de comunicação. Como afirma Martín-Barbero³:

Dialogar é arriscar uma palavra ao encontro não de uma ressonância, de um eco de si mesma, mas sim de outra palavra, da resposta de um outro [...] é descobrir na trama de nosso próprio ser a presença dos laços sociais que nos sustentam. É lançar as bases para uma posse coletiva, comunitária, do mundo. (2014, p. 33)

Nesta busca se insere a presente edição com artigos que fornecem dados estatísticos atualizados como em *Envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. Novas projeções da ONU*, fundamentais para a compreensão do panorama do envelhecimento, como indicado em *A importância das condições socioeconômicas na elaboração de políticas públicas voltadas à saúde do idoso*.

Saber das projeções, que desvelam esse panorama, é fundamental, pois impactam diretamente o planejamento tanto de políticas de atenção como das diferentes práticas, ações e atitudes voltadas para melhor entendimento e atendimento ao público idoso, como também indicam os artigos *Envelhe(Ser). O impacto da saúde bucal e da cultura alimentar na velhice; Combate à solidão e ao isolamento social na velhice. Um caminho a ser trilhado; O Idoso nos Cuidados Paliativos*.

No relato de pesquisa *Pontos e Contos – Sociabilidade, Aprendizagem e Autoestima. A participação de idosas na oficina de bordado manual do IF Muriaé*, observamos como foi benéfica a atividade oferecida, em suas manifestações pessoais – a 'palavra', em primeira mão, dos protagonistas que

³ CÔRTE, B; BRANDÃO, V. A Cultura do Longeviver e a Curadoria do Saber. In Barroso, A. S.; Hoyos, A.; Salmazo-Silva, H.; Fortunato, I. (org.) *Diálogos Interdisciplinares do Envelhecimento*. São Paulo: Edições Hipótese, 2019, pp. 91-100. <https://nutecca.webnode.com/edicoes-hipotese-e-books/> link direto: <https://goo.gl/LDftS5>

reafirmam a importância social das atividades grupais, na manutenção da autonomia e independência.

As palavras que descrevem os desafios do envelhecer, desde a tomada de consciência ‘de fato’ da nova fase e as muitas mudanças ocorridas podem ser lidas no relato de experiência *Cheguei aos 60 – meu relato*.

Duas reflexões *Cuidadores de Idosos. A importância do atendimento psicológico e Autonomia do idoso* trazem interessantes dados complementares, indicando que ainda se constata certa falta de esclarecimentos, a familiares e idosos, para viver com equilíbrio o processo do envelhecimento. A importância da informação qualificada fica, nestes casos, evidente e reforça o compromisso do profissional na ‘linha de frente’ do atendimento direto, e o nosso como curadores e responsáveis pelo *Portal do Envelhecimento*, por meio do qual buscamos disponibilizá-la, democraticamente, com transparência à sociedade.

Finalizamos com o *Dossiê - Violência contra a pessoa idosa. Diversas faces da mesma moeda*, que articula, em três artigos, importantes conceitos e pré-conceitos no delicado tema da violência nos tempos das fragilidades, sobre o qual vale um alerta. São eles: *Cuidado centrado na pessoa para indivíduos com demência; Um breve panorama sobre a violência contra idosos no Brasil; Violência institucional e saúde da pessoa idosa: interfaces*.

Para finalizar, trazemos novamente a perspectiva humanística que norteia nossa vida-trabalho, em tempos de rapidez, alta tecnologia e descarte (coisas e pessoas) – a solidariedade, na busca do bem comum; a dignidade pessoal e coletiva, no respeito ao ‘outro’ parceiro de caminhada na humana jornada; e a tolerância.

Amatya Sen (2011) nos conta uma história interessante, que deixamos como reflexão. Havia na Índia, no século III a.C. um imperador, chamado Ashoka, que era muito violento, mas ao aderir aos ensinamentos de Buda passa a propor o que considerava um comportamento bom e justo. Ele pregava a compreensão, em oposto a intolerância, e propunha que a justiça social deveria promover o bem-estar e a liberdade, como dever pessoal e do Estado, visando o enriquecimento social.

Pode-se considerar que esse pensamento é ingênuo e não tem bases seguras - um otimismo exagerado na capacidade de mudança do ser humano. Hoje, uma total utopia, porque apostaria em uma virtude inalcançável, pois, muitas vezes como afirma o autor, “podemos fazer a coisa certa e, ainda assim, não ter êxito”. Mas não devemos tentar? Seriam o bem, a solidariedade e o respeito utopias?

De modo geral, a resposta seria positiva. Mas, acreditamos que sem estes valores e a permanente tentativa de os colocarmos como questões na vida comunitária, talvez não tivéssemos construído muitas das bases que hoje sustentam as sociedades e culturas. Segundo Santos⁴, o desafio utópico é necessário e talvez o único caminho para pensar o futuro, e afirma:

⁴ BALANDIER, G. *A Desordem – Elogio do Movimento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

Por utopia entendo a exploração, através da imaginação, de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, e a oposição da imaginação à necessidade do que existe, em nome de algo radicalmente melhor por que vale a pena lutar e a que a humanidade tem direito [...] A utopia requer, portanto, um conhecimento da realidade profundo e abrangente como meio de evitar que o radicalismo da imaginação colida com seu realismo. (2000 p. 332)

Continuamos com o desafio de pensar o futuro realisticamente, mesmo considerando a fragilidade das boas intenções pontuais, tendo como pressuposto valores ditos utópico, ousando incorporar outro, que também não faz parte do repertório atual, menosprezado quando enunciado: a humildade. Devemos reconhecer a fragilidade e impossibilidade de resolver de modo unilateral problemas complexos e devemos, assim, por meio da superação das diferenças, buscar diálogos, parcerias, consensos, construir redes, bases para ações transformadoras.

Enfim, bases para tornarmos humanos neste nosso curso de coexistência!

Boa Leitura!

Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras